

# SPINOZA, A EDUCAÇÃO E SEUS LIMITES: DA APRENDIZAGEM AO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA CURATIVA

KARINE VIEIRA MIRANDA \*  
Daniela Ribeiro Alves \*\*

DOI: <https://doi.org/10.52521/conatus.v17i28.16241>

## INTRODUÇÃO

Muito se lê sobre o judeu holandês Benedictus de Spinoza como um filósofo do século XVII com imensa contribuição para a História da Filosofia, tratando de Deus, seus atributos e modos e desenvolvendo sua própria filosofia durante toda sua vida, partindo da leitura de tantos outros e ousando, a partir daí, traçar seu próprio caminho de autoaprendizagem.

Como judeu, teve, inicialmente, instrução judaica, estudando primeiro na escola Árvore da Vida, onde aprendeu a língua e a cultura hebraica e, a seguir, passou a frequentar a Academia Coroa da Lei, onde estudou autores que muito o influenciaram e forneceram-lhe as bases para a vindoura elaboração do *Tratado Teológico-Político* (*Tractatus Theologico-Politicus*), tais quais: Abraão Ibn Ezera, Chasdai Crescas e Maimônides.

Ademais, ao expandir seus conhecimentos para além das fronteiras do judaísmo, passou a gerar grande desconforto em sua comunidade, sendo exortado a se retratar, o que não fez, passando a ser, então, acusado de heresia e posteriormente, excomungado, isto é, banido e amaldiçoado. Nem as acusações, perseguições e proibições foram suficientes para restringir a liberdade de pensar, de expressar e de agir, deste ilustre filósofo que tanto contribuiu com seus escritos e com a sua própria vida, como exemplo de sabedoria, coragem e fortaleza.

No entanto, Spinoza, que tanto falou da passagem da servidão à liberdade, da imaginação à razão e desta para a ciência

intuitiva, da tristeza para à alegria, faz, ele mesmo sua belíssima passagem de discente a docente, de aprendiz a mestre, de aluno a professor.

Alguns até poderão se surpreender com tais afirmações, tendo em vista que, até onde se sabe, Spinoza não teve vínculo empregatício com nenhuma instituição de ensino e até mesmo recusou o convite, em 1673, para ocupar uma cátedra de Filosofia na Universidade de Heidelberg.

Sendo assim, propomos uma reflexão sobre Spinoza, sua filosofia e o lugar da educação, trazendo algumas considerações sobre: o pioneirismo no que concerne a uma teoria da educação spinozana, encontrado no ensaio *Spinoza como Educador*; Spinoza e o exercício da docência, a partir da análise de sua biografia e de suas obras; os limites da docência para Spinoza, observados, especialmente com relação a Casearius, ao comerciante Willem van Blyenbergh e a Albert Burgh; e uma filosofia pedagógica e curativa.

## O PIONEIRISMO DE RABENORT SOBRE UMA TEORIA DA EDUCAÇÃO SPINOZANA

Sobre a relação de Spinoza com a educação temos a obra do educador William Louis Rabenort, intitulada *Spinoza como educador* (*Spinoza as Educator*), publicada em 1911, texto que lhe assegurou o título de doutor pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Columbia e que parece-nos ser o pioneiro no assunto. É constituída por uma apresentação do autor e mais cinco capítulos, nomeados, respectivamente: “A Possibilidade da Educação”; “Os Elementos da Natureza Humana”; “A Supremacia do Intelecto”; “As Complicações da Personalidade”; e, por fim, “O Critério da Educação”.

Ainda, essa obra foi traduzida para a língua portuguesa pelo Coletivo GT Benedictus

\* Professora Efetiva da Secretaria da Educação do Estado do Ceará – SEDUC, graduada, licenciada, mestre e doutora em Filosofia e membro do GT Benedictus de Spinoza.

\*\* Professora da Secretaria da Educação do Estado do Ceará – SEDUC, graduada em Ciências Biológicas e Matemática, Mestre em Ciências Veterinárias e Ciências Naturais e membro do GT Benedictus de Spinoza.

de Spinoza, do qual fazemos parte, sendo coordenado pelo pesquisador Prof. Dr. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, prefaciado por Juliana Merçon e apresentado por Fernando Bonadia de Oliveira, sendo todos importantes pesquisadores contemporâneos da filosofia spinozana.

Com *Spinoza como Educador*, Rabenort busca indicar encadeamentos educacionais da filosofia spinozana, já contando que a partir dela viriam outros estudos, ainda mais minuciosos que justificassem suas ideias. Ainda, tendo em vista que caracteriza nosso filósofo como experimental e afiança que suas obras “[...] constituem a sua autobiografia”, para que se questionem suas teses, seria preciso experimentá-las como ordenamento de vida enquanto as avalia, além de estudá-las enquanto as julga (Rabenort, 2016, p. 57-58).

Ademais, embora não pretendamos aqui analisar, detidamente, a obra supracitada, destacamos o marco inicial da pesquisa, onde são examinadas as ações de Spinoza, enfatizando que, diferentemente de pedagogos como o suíço Johann Heinrich Pestalozzi e o alemão Friedrich Wilhelm August Frobel, nosso filósofo não demonstra interesse na educação das crianças. No entanto, ele também se omitiu da tarefa de ensinar adultos em algumas ocasiões, como é o caso da viúva proprietária da estalagem onde se hospedava, senhora van Velden, que o inquiriu sobre a salvação através da religião que adotara, quando recusou a oportunidade de ser professor em Heidelberg, quando esquivou-se de ensinar sua filosofia a Johannes Casearius e quando relutou em responder a missiva ofensiva de seu antigo discípulo, Albert Burgh (Rabenort, 2016, p. 65-72).

Portanto, mesmo diante de tantas possibilidades de que se questione a relação de Spinoza com a educação, Rabenort (2016, p. 73) tomou para si a tarefa de construir uma teoria da educação spinozana, contribuindo, ricamente, com muitos outros estudiosos que o tomam como ponto de partida para desenvolverem suas próprias pesquisas, dando continuidade a esse projeto grandioso e promissor.

#### **SPINOZA E O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA**

Segundo Colerus (s.d.), Spinoza estudou latim, inicialmente, com um mestre alemão e aperfeiçoou-se com Van den Enden, que também era médico, além de ter lido, avidamente, as

obras de Descartes e de ter declarado que foi delas que obteve seu conhecimento filosófico. Acreditamos que essa convivência com seu preceptor médico, somada às leituras de Descartes, o influenciaram bastante quanto ao uso de termos mais comuns na Medicina, porém, aplicados à mente, tais como: curado, sarado e remédios.

Vejamos. Em primeiro lugar, o próprio título de sua primeira obra já nos chama bastante a atenção pelo uso do vocábulo “emenda”: *Tratado da Emenda do Intelecto (Tractatus de Intellectus Emendatione)* e é onde já antecipa questões que irá retomar na *Ética* e nos tratados políticos, tanto no que se refere ao indivíduo quanto ao que concerne à coletividade. Destaca “[...] que tudo o que é feito acontece segundo a **ordem eterna** e conforme leis certas na Natureza”, ordem que, em virtude da fraqueza humana, não pode ser alcançada pelo próprio conhecimento humano, mas que ele, individualmente, ao conceber haver certa natureza com maior firmeza que a sua, é incitado a buscar maneiras que o levem à perfeição. Esses meios são chamados de verdadeiros bens. No entanto, o sumo bem<sup>1</sup> é o gozo, “[...] se possível”, dessa natureza com os demais indivíduos, não bastando ao homem obter uma natureza mais perfeita, esforçando-se, ainda, para que outros também a alcancem, já que pertence à felicidade individual levar os outros ao mesmo entendimento (TIE, §12-14, grifos nossos).

Para isso, é fundamental, em primeiro lugar, compreender a natureza. Somente ao atingir esse entendimento, será possível formar a sociedade desejada de modo que o maior número de pessoas consiga isso da maneira mais simples e segura. Além disso, é necessário dedicar-se à Filosofia Moral, à Doutrina da Educação, à Medicina e à Mecânica, pois o objetivo de todas as ciências é alcançar a máxima perfeição humana (TIE, §13-16, grifos nossos). Assim, o processo de conhecimento começa no indivíduo, se expande para a coletividade e, em seguida, retorna às individualidades, visando alcançar mais pessoas. Isso nos leva a considerar, de forma implícita, um projeto pedagógico que promove a aprendizagem individual, que se amplia para a coletividade e

1 “O bem supremo da mente é o conhecimento de Deus e a sua virtude suprema é conhecer Deus” (E4P28).

retorna, de maneira mais acessível, àqueles que ainda não a atingiram.

Já na carta 9 conferimos haver uma expectativa por parte de nosso filósofo de que seu discípulo Casearius, com o tempo, alcançaria a maturidade, conquistando a cura para os seus erros juvenis (Ep9, grifos nossos).

Ainda, no prefácio da parte V da *Ética Demonstrada Segundo a Ordem Geométrica* (*Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*), nosso filósofo esclarece que tratará da potência da mente e de seu poder sobre os afetos, cabendo à Medicina estabelecer “[...] por qual arte deve-se cuidar do corpo”, assim como compete à Lógica especificar a via para o aperfeiçoamento do intelecto (E5Pref). Logo, dando continuidade à sua tarefa de buscar a emenda do intelecto, a cura da mente, vai listar os cinco remédios para os afetos, isto é, aquilo que a mente pode contra eles: conhecê-lo, clara e distintamente; desvinculá-lo do afeto “[...] do pensamento da causa exterior” e vinculá-lo a pensamentos verdadeiros (E5P4S); priorizar o claro sobre o confuso pois, considerando o tempo, os afetos oriundos ou suscitados pela razão tem mais potência que os afetos que se referem às coisas singulares consideradas ausentes (E5P7); reforçar os afetos mais fortes, ou seja, aquele afeto referido à muitas e diversas causas (E5P9); ordenar e concatenar, adequadamente, as afecções do corpo (E5P10S). Além disso, resume-os da seguinte maneira:

**1.** No próprio conhecimento dos afetos. **2.** Em que a mente faz uma separação entre os afetos e o pensamento de uma causa exterior que nós imaginamos confusamente. **3.** No tempo, graças ao qual as afecções que se referem às coisas que compreendemos superam aquelas que se referem às coisas que concebemos confusa ou mutiladamente. **4.** Na multiplicidade de causas que reforçam aqueles afetos que se referem às propriedades comuns das coisas ou a Deus. **5.** Na ordem, enfim, com a qual a mente pode ordenar e concatenar os seus afetos entre si (E5P20S, grifos nossos).<sup>2</sup>

2 Cf. o original: “[...]1. In ipsa affectuum cognitione. 2. In eo, quod affectus a cogitatione causae externae, quam confuse imaginamur, separat. 3. In tempore, quo affectiones, quae ad res quas intelligimus referentur, illas superant, quae ad res referuntur, quas confuse seu mutilate concipimus. 4. In multitudinem causarum, a quibus affectiones, quae ad rerum communes proprietates vel a Deum referuntur, foventur. 5. Denique in ordine, quo mens suos affectus ordinare et invicem concatenare potest” (E5, SO2, p. 293).

Portanto, cada ciência tem suas atribuições bem delimitadas, cabendo à Filosofia ocupar-se de emendar a mente, curá-la, sará-la, assim como cabe à Lógica tratar do aperfeiçoamento da mente e à Medicina tratar dos cuidados com o corpo.

### Os LIMITES DA DOCÊNCIA PARA SPINOZA

Spinoza está, de fato, disposto a ensinar sua filosofia. No entanto, há limites para a docência. No caso de Casearius, impõe limites que se estabelecem a depender da maturidade do aprendiz, embora acredite que, com o tempo, esta maturidade virá. Tal esperança não existirá em relação a Blyenbergh, citado por Rabenort (2016, p. 152) como “[...] um antipático aspirante frustrado a discípulo”, com quem nosso filósofo troca algumas missivas que citaremos a seguir.

Blyenbergh toma a liberdade, em 1664, de escrever ao desconhecido Spinoza após ler os *Princípios da Filosofia Cartesiana* e seu apêndice, *Pensamentos Metafísicos*. Na carta 18, dentre outras pautas, descreve-se como um homem que ama a verdade e esforça-se pela ciência, além de requisitar resposta para algumas dúvidas sobre a obra (Ep18), retorno que é dado com bastante satisfação, onde nosso filósofo mostra-se disposto a manter uma relação de amizade sincera com seu correspondente, considerando que ambos têm em comum, aparentemente, o amor pela verdade (Ep19).

Porém, na carta 20, Blyenbergh declara duas regras gerais a que segue sempre que se dedica à filosofia: “a primeira é o conceito claro e distinto em meu entendimento; a segunda é a palavra revelada de Deus ou a vontade de Deus” (Ep20) e, certamente, não escapa ao leitor, convededor da filosofia spinozana, o abismo que se cria entre eles em virtude das regras supracitadas, que levam nosso filósofo a responder que, embora tenha acreditado, ao ler a primeira missiva que as opiniões de ambos quase coincidiam, a partir da segunda percebe que seus pensamentos muito se diferem, não somente quanto “[...] as consequências afastadas que se extraem dos primeiros princípios, mas sobre os próprios princípios” (Ep21).

Todavia, Blyenbergh escreve novamente, destacando que ansiava que a carta anterior viesse com “resposta amigável e **instrutiva**”,

ao invés das duras exortações que o chegaram, inclusive, com a decisão de não convir mais a troca de correspondências com a finalidade de instrução mútua (Ep22, grifo nosso), o que leva Spinoza a arrematar que suas cartas não terão proveito algum para Blyenbergh e suas discussões serão inúteis, considerando “[...] que **as bases sobre as quais queria que se erguesse a nossa amizade** não estavam colocadas como acreditava” e, sendo a atitude mais sábia dedicar seu tempo aos seus trabalhos. Ainda assim, cordialmente, convida o correspondente para visitá-lo (Ep23, grifos nossos).

Após se encontrarem, Blyenbergh redige nova missiva com diversas dúvidas filosóficas (Ep24) e Spinoza expõe-lhe sua intenção e decisão, recusando-se a esclarecê-las e rogando que o correspondente renuncie ao pedido de resposta (Ep27).

A grande oportunidade de ser, oficialmente, professor, chega à Spinoza a convite do Eleitor Paladino, Carlos I Luís, por intermédio de uma carta-convite, escrita por seu conselheiro Jean Louis Fabritius, pedindo que aceite uma cátedra de filosofia na Universidade de Heidelberg, onde também leciona, assegurando que nosso filósofo terá liberdade de filosofar, contanto que não abuse desta a ponto de incomodar a religião oficial (Ep47), convite que nosso filósofo, gentilmente, declina, afirmado não ter sido atraído pela educação pública por dois motivos: em virtude de não querer comprometer a dedicação aos seus trabalhos filosóficos ao se entregar “[...] ao ensino na **juventude**” e por não saber, precisamente, quais limites conteriam sua liberdade de filosofar. Sendo assim, é detido por amar a tranquilidade que acredita só poder ser conservada ao se abster de lecionar publicamente (Ep48, grifo nosso).

Há ainda Albert Burgh, outrora discípulo de Spinoza, que em 1675, o escreve informando de sua conversão ao catolicismo e arremata que, embora antes o admirasse, agora lastima sua condição, por ser dotado de belos dons divinos e, mesmo assim, deixar-se enganar “[...] pelo Príncipe dos espíritos malvados”, elaborando uma filosofia ilusória e quimérica, alvejando, principalmente, a obra cujo título é ímpio, o *Tratado Teológico-Político*, acusando-lhe, dentre outros termos ofensivos, de herege, de pervertido por natureza, arrogante, soberbo,

orgulhoso e “miserável homúnculo, verme vil da terra” (Ep67), carta que não fica sem resposta graças à insistência dos amigos de nosso filósofo que, em um primeiro momento, pensou deixar nas mãos do tempo a recondução de Burgh a si mesmo. Redige a resposta incluindo, dentre outras pautas, o destaque a militância do antigo pupilo em favor da “Igreja Romana” tendo, inclusive, já aprendido a ofender os opositores, refutando ainda: “E vós chamais de quimera uma filosofia que vós sequer conhecéis! Ó **jovem insensato** [...]” (Ep76, grifos nossos). Logo, a maturidade esperada para Casearius também pode ser alcançada por Burgh, já que ambos são ainda jovens.

Portanto, a educação tem seus limites. Para que o processo pedagógico seja exitoso é preciso respeitar o tempo de maturação intelectual de cada indivíduo, bem como que o professor tenha liberdade em seu labor pedagógico, além de ser essencial que aprendiz e mestre possuam princípios básicos comuns: o estreitamento de uma relação afetiva baseada na amizade e no amor pela verdade.



## REFERÊNCIAS

- COLERUS, Jean. **A Vida de Spinoza**. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso. Disponível em: <https://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-colerus.html>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- DOMÍNGUEZ, Atilano. Introducción, traducción, notas y índice. In: SPINOZA, Benedictus. **Correspondencia**. Introducción, traducción, notas y índice de Atilano Domínguez. Madrid: Alianza, 1988.
- GEBHARDT, Carl (Ed.). **Spinoza Opera**. Im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg: Carl Winter, 1925. Ristampa 1972. Milano: Edição eletrônica a cura di Roberto Bombacigno e Monica Natali, 1998. 1 CD-ROM.
- MERÇON, Juliana. **Aprendizado Ético-Afetivo**: uma leitura spinozana da educação. Campinas: Alínea, 2009.
- MERÇON, Juliana. Prefácio. In: RABENORT, William Louis. **Spinoza como Educador**. Tradução GT Benedictus de Spinoza; coordenação Emanuel Angelo da Rocha Fragoso / Francisca Juliana Barros Sousa Lima. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016.
- MEYER, Luís. Prefácio. In: SPINOZA, Benedictus. **Princípios da Filosofia Cartesiana e Pensamentos Metafísicos**. Tradução Homero Santiago, Luis César Guimarães Oliva. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- OLIVEIRA, Fernando Bonadia de. Apresentação da tradução brasileira. In: RABENORT, William Louis. **Spinoza como Educador**. Tradução GT Benedictus de Spinoza; coordenação Emanuel Angelo da Rocha Fragoso/Francisca Juliana Barros Sousa Lima. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016.
- RABENORT, William Louis. **Spinoza como Educador**. Tradução GT Benedictus de Spinoza; coordenação Emanuel Angelo da Rocha Fragoso / Francisca Juliana Barros Sousa Lima. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016.
- SPINOZA, Benedictus. **Ética**. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SPINOZA, Benedictus. **Ética**. Tradução Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chauí. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- SPINOZA. **Oeuvres IV: Ethique. Introduction et notes par Pierre-François Moreau et Piet Steenbakkers**. Paris: PUF, 2020.
- SPINOZA, Benedictus. **Obra Completa II: Correspondência Completa e Vida**. Tradução de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- SPINOZA, Benedictus. **Pensamentos Metafísicos; Tratado da Correção do Intelecto; Ética demonstrada à maneira dos geômetras**. Tradução e notas da Parte I de Joaquim de Carvalho, tradução das Partes II e III de Joaquim Ferreira Gomes, tradução das Partes IV e V de Antônio Simões; **Tratado Político; Correspondências**. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).
- SPINOZA, Benedictus. **Princípios da Filosofia Cartesiana e Pensamentos Metafísicos**. Tradução Homero Santiago, Luis César Guimarães Oliva. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- SPINOZA, Benedictus. **Tratado Teológico-Político**. Tradução, introdução e notas Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Paidéia).

